

**A visão de um grupo de fonoaudiólogos acerca da prancha de Comunicação Alternativa****The view of a group of speech therapists about the alternative communication board**

DOI:10.34117/bjdv6n10-713

Recebimento dos originais:08/09/2020

Aceitação para publicação:30/10/2020

**Simone Infingardi Krüger**

Doutora em Distúrbios da Comunicação pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação - Universidade Tuiuti do Paraná

Endereço: Rua Sydnei Antonio Rangel Santos, 238 - Santo Inácio, Curitiba - PR, 82010-330

E-mail: simonekrueger@hotmail.com

**Franciele da Silva Wilczak**

Fonoaudiologia formada pelo curso de Graduação em Fonoaudiologia- Universidade Tuiuti do Paraná

Endereço: Rua Sydnei Antonio Rangel Santos, 238 - Santo Inácio, Curitiba - PR, 82010-330

E-mail:fran.wilczack@outlook.com

**Simona Miléo Squeira**

Fonoaudióloga formada pelo curso de graduação em Fonoaudiologia- Universidade tuiuti do Paraná

Endereço:Rua Sydney Antônio Rangel Santos ,238- Santo Inácio-Curitiba- PR- 82010-330

E mail:simona\_siqueira@yahoo.com.br

**Adriana Branco Scorsato**

Pedagoga,Mestranda pelo Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação – Universidade Tuiuti do Paraná

Endereço: Rua Sydnei Antônio Rangel Santos 238- Santo Inácio- Curitiba - PR - 82010-330

E-mail: scorssatoabranco@gmail.com

**Ana Paula Berberian**

Professora/ Doutora do departamento de Fonoaudiologia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação – Universidade Tuiuti do Paraná

Endereço: Rua Sydnei Antônio rangel Santos 238- Santo Inácio- Curitiba- PR- 82010-330

E mail: ana.silva17@utp.br

**RESUMO**

Introdução: A fala é a modalidade de linguagem priorizada na maioria das relações sociais. Logo, em interações onde o discurso oral torna-se limitado ou inviável, outras manifestações de sujeitos com a fala comprometida devem ser colocadas em funcionamento. Assim, a Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA) dispõe o uso de recursos, estratégias e técnicas que proporcionam a pessoas com limitações orais maior autoria em seus discursos por meio das pranchas

de Comunicação Alternativa (CA). Objetivo: Analisar a visão de um grupo de fonoaudiólogos acerca de conhecimentos e usos referentes às pranchas de CA e refletir sobre concepções de linguagem. Método: A partir de um curso de extensão ministrado em uma Universidade particular, aplicou-se um questionário semi-estruturado para 11 fonoaudiólogos que atuam com sujeitos com restrições de fala. Resultados: Prevalece uma visão de linguagem como código de comunicação entre as respostas dos participantes, verificou-se igualmente a predominância da concepção da prancha como instrumento de comunicação e expressão de necessidades. Em contraponto, constatou-se que parte dos fonoaudiólogos concebem tal recurso como mediador das relações sociais e da aprendizagem. Conclusão: Compete ao fonoaudiólogo uma perspectiva teórica que lhe permita ver a linguagem em seu funcionamento e em sua subjetividade, oferecendo elementos para o avanço das abordagens terapêuticas. A função mediadora da prancha deve ir além de comunicar desejos e necessidades, visando ampliar as interações dialógicas, o desenvolvimento da linguagem e do conhecimento de pessoas com a fala comprometida.

**Palavras-chave:** Auxiliares de Comunicação para Deficientes, Prancha de Comunicação Alternativa, Fonoaudiologia, Linguagem.

## **ABSTRACT**

Introduction: Speech is the language modality prioritized in most social relationships. Therefore, in interactions where oral speech becomes limited or unviable, other manifestations of subjects with impaired speech must be put into operation. Thus, Alternative Communication (AC) provides the use of resources, strategies and techniques that give people with oral limitations greater authorship in their speeches through the Alternative Communication (AC) boards. Objective: To analyze the vision of a group of speech therapists about knowledge and uses related to AC boards and to reflect on language concepts. Method: Based on an extension course taught at a private university, a semi-structured questionnaire was applied to 11 speech therapists who work with subjects with speech restrictions. Results: A vision of language as a communication code prevails among the responses of the participants, there was also a predominance of the concept of the board as an instrument of communication and expression of needs. In contrast, it was found that part of speech therapists conceive of this resource as a mediator of social relations and learning. Conclusion: It is up to the speech therapist a theoretical perspective that allows him to see language in its functioning and in its subjectivity, offering elements for the advancement of therapeutic approaches. The board's mediating function must go beyond communicating wants and needs, aiming to expand dialogical interactions, the development of language and knowledge of people with impaired speech.

**Keywords:** Augmentative and Alternative Communication, Alternative Communication Board, Speech and Language Therapy, Language.

## **1 INTRODUÇÃO**

O homem é um ser instintivamente social, e é a partir dos processos de interação e das relações estabelecidas, direta ou indiretamente com os outros, que o sujeito organiza seu pensamento e realiza mudanças quanto ao seu modo de pensar e de agir<sup>1</sup>.

Nesse sentido, “a fala é, de fato, a modalidade de manifestação da linguagem priorizada na maioria das relações sociais”, conseqüentemente, o processo de socialização e de aprendizagem de

peças cuja fala encontra-se prejudicada, eventualmente, pode ser afetado por situações aflitivas. Em interações onde o discurso oral torna-se limitado ou inviável, há de se considerar que outras enunciações dos sujeitos devem ser acolhidas e colocadas em funcionamento<sup>2</sup>.

Com o papel de ampliar o desenvolvimento da linguagem de pessoas com a oralidade restrita, considera-se a Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA) como “conjunto de instrumentos que permitem a “fala” não-oralizada, a “fala” dita no “apontar” dos sinais gráficos”<sup>3</sup>.

Nessa direção, a CSA contempla o uso de diversos recursos, estratégias e técnicas, abrangendo, desde a direção do olhar, gestos corporais, expressões faciais, vocalizações, símbolos pictográficos e ideográficos, fotos, alfabeto, até sistemas de dispositivos eletrônicos mais complexos, dispostos em pranchas classificadas em baixa ou alta tecnologia<sup>4</sup>.

Dentre tais recursos, destaca-se que as pranchas de baixa tecnologia podem ser organizadas e confeccionadas a partir de diferentes sistemas de símbolos pictográficos, sendo os mais descritos na literatura: Picture Communication Symbols (PCS), traduzido como Símbolos de Comunicação Pictórica, ou mais comumente conhecido como o Boardmaker, sistematizado nos Estados Unidos, o ARASAAC, sistema de Comunicação Alternativa de Arago/Espanha, e o Rebus, também conhecido como Widgit originado na Inglaterra. As pranchas de comunicação alternativa podem ser construídas contendo tais símbolos pictográficos, bem como composta com fotografias, desenhos diversos impressos em folhas de diferentes tamanhos e podem ser também colados individualmente, formando cartões, sendo eles removíveis ou não<sup>5</sup>.

No que se refere às pranchas de alta tecnologia, elas são construídas por meio do uso de softwares de CSA contendo um banco de símbolos pictográficos e, são exibidos nas telas de tablets, computadores e comunicadores e podem acompanhar o uso de voz sintetizada e/ou digitalizada<sup>6</sup>.

Embora existam circunstâncias socioeconômicas que dificultam o acesso à alta tecnologia em determinados países, como é o caso do Brasil, estudos demonstram a importância de promover e saber usufruir de todos os materiais tecnológicos que são disponíveis. Vale ressaltar que pranchas classificadas tanto de alta ou baixa tecnologia, são concebidas igualmente como recursos capazes de potencializar espaços dialógicos<sup>4,7</sup>.

Para tanto, é fundamental que as pranchas de CSA sejam personalizadas de acordo com as necessidades e particularidades de cada pessoa e, portanto, a seleção dos símbolos pictográficos deve resultar do diálogo e da relação estabelecida entre o usuário da prancha e seus principais interlocutores, contribuindo crescentemente para a apropriação de um lugar de autoria como falante, ainda que apresente restrições quanto ao modo de se manifestar oralmente<sup>8</sup>.

Entende-se que a participação dos usuários na confecção da prancha é condição para que a mesma possa representar um recurso promotor da interação social, contribuindo assim, para que os mesmos possam ocupar uma posição mais participativa diante da vida<sup>9</sup>. Por este motivo, concebem-se os recursos próprios ao campo da CSA, como promotores de atividades linguísticas, capazes de ampliar a apropriação da linguagem e do conhecimento<sup>10</sup>.

A tomada de decisão por parte dos profissionais que desejam atuar com tais recursos, por si só, não garante um avanço efetivo. A simples composição de figuras e símbolos na prancha manual ou digitalizada não assegura um funcionamento linguístico significativo aos usuários. A prancha pode ser utilizada como um amontoado de figuras se não houver atividade interpretativa dos interlocutores, pois os símbolos não significam isoladamente<sup>11</sup>. Logo, é primordial que profissionais que fazem uso da mesma, dentre os quais destacamos o fonoaudiólogo, estejam assentados em concepções de linguagem que promovam o uso de tal materialidade de forma eficaz, sejam eles de baixa e/ou de alta tecnologia<sup>12</sup>.

Ressalta-se que, tendo em vista o processo interativo estabelecido entre fonoaudiólogo e paciente com restrições de fala e o uso que se faz referente aos recursos da CSA, nos contextos clínico e educacional, quando pautados numa perspectiva dialógica da linguagem, fortalecem a criação de espaços de interação. Sendo assim, a CSA contribui para que tais sujeitos ocupem uma posição de maior autoria em todas as esferas sociais.

O desenvolvimento de estudos acerca dessa temática torna-se essencial, visto que possibilitam o delinear de novas propostas de pesquisa, ampliam o conhecimento teórico e fortalecem a natureza e a qualidade de intervenções profissionais<sup>13-14</sup>. Feitas as considerações acima, destaca-se que o presente estudo teve como objetivo analisar a visão de um grupo de fonoaudiólogos acerca de conhecimentos e usos referentes às pranchas de Comunicação Alternativa.

## **2 METODOLOGIA**

Realizou-se um curso de extensão intitulado Promoção da Linguagem e Comunicação Suplementar e/ou Alternativa nos contextos da Saúde e Educação em uma Universidade particular de Curitiba.

Tal curso teve como objetivo promover e aprofundar conhecimentos acerca dos processos de apropriação da Linguagem e CSA, nos contextos clínico e educacional, explicitando, de que modo os recursos linguísticos da CSA, concebidos enquanto atividade semiótica pode potencializar o desenvolvimento da linguagem, do conhecimento e das interações sociais.

Participaram da pesquisa 11 fonoaudiólogos inscritos no curso anteriormente mencionado. A seleção destes sujeitos se deu em função da busca espontânea dos mesmos em adquirirem conhecimento acerca dos conteúdos que seriam ministrados e, em razão da Fonoaudiologia assumir a linguagem como seu objeto de estudo e de intervenção.

Os critérios de inclusão foram os profissionais possuírem graduação em Fonoaudiologia, bem como, terem atuado ou atuarem direta ou indiretamente com pessoas com oralidade restrita.

Ressalta-se que para identificação dos sujeitos, adotou-se a indicação de P-1 a P-9 para os participantes do grupo G1, composto por profissionais que fazem o uso da prancha de CA e, de P-10 a P-11 para os que compõem o grupo G2, composto por profissionais que não fazem o uso da prancha de CA.

O quadro 1, abaixo descrita, apresenta a caracterização dos participantes do **G1** (profissionais que fazem uso da prancha), com o objetivo de fornecer uma visão geral acerca dos seguintes aspectos: formação acadêmica e a realização de cursos de extensão em CSA.

Quadro 1. Caracterização dos participantes do G1 (fonoaudiólogos que fazem uso da prancha) quanto à formação acadêmica e a realização de cursos de extensão em CSA.

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>GRADUAÇÃO/ ANO DE CONCLUSÃO</b>	<b>ESPECIALIZAÇÃO/ ANO DE CONCLUSÃO</b>	<b>REALIZAÇÃO DE CURSOS DE EXTENSÃO EM CSA</b>
P1	Fonoaudiologia/1988	Comunicação/1994	SIM
P2	Fonoaudiologia/2002	Neurologia/2007	SIM
P3	Fonoaudiologia/2017	-	SIM
P4	Fonoaudiologia/2016	Disfagia/2018	SIM
P5	Fonoaudiologia/1991	Motricidade Orofacial/2006	SIM
		Fonoaudiologia Neurofuncional/2018	
P6	Fonoaudiologia/1994	Audiologia/1996	SIM
P7	Fonoaudiologia/2016	-	-
P8	Fonoaudiologia/1997	Psicopedagogia/2002	SIM
P9	Fonoaudiologia/1998	Motricidade Orofacial/2006 Educação e Linguagem/2016	SIM

Ressalta-se que apenas dois fonoaudiólogos do G1 não realizaram formação de Pós-graduação e um não realizou curso de extensão em CSA.

O quadro 2, abaixo descrita, apresenta a caracterização dos participantes do G2 (profissionais que não fazem uso da prancha), com o objetivo de fornecer uma visão acerca dos seguintes aspectos: formação acadêmica e a realização de cursos de extensão em CSA.

Quadro 2. Caracterização dos participantes do G2 (fonoaudiólogos que não fazem uso da prancha) quanto à formação acadêmica e a realização de cursos de extensão em CSA.

PARTICIPANTES	GRADUAÇÃO/ ANO DE CONCLUSÃO	ESPECIALIZAÇÃO/ ANO DE CONCLUSÃO	REALIZAÇÃO DE CURSOS DE EXTENSÃO EM CSA
P10	Fonoaudiologia/1994	-	SIM
P11	Fonoaudiologia/2015	-	-

Ressalta-se que os fonoaudiólogos do G2 não realizaram formação de Pós-graduação e um não realizou curso de extensão em CSA.

### 3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semi-estruturado dividido em 4 partes: a primeira contendo perguntas com o objetivo de identificar os participantes, a segunda composta por questões relacionadas ao trabalho deles com sujeitos com comprometimento de fala, a terceira, destinada apenas aos participantes que fazem uso da prancha de CA, abordando aspectos voltados ao uso, à finalidade e à confecção da prancha e a quarta parte direcionada para os profissionais que não fazem uso das pranchas de CA, com questões relacionadas aos motivos do não uso da prancha, à confecção e à finalidade da mesma.

A aplicação de tal instrumento ocorreu antes da realização do curso acima citado por parte de todos os inscritos, em razão de não gerar influências nas respostas fornecidas pelos mesmos. Após a explicação dos objetivos da pesquisa e do questionário, os participantes responderam individualmente e por escrito ao mesmo.

O material e o tratamento dos conteúdos foram explorados e organizados em cada uma das tabelas e quadros. Nas tabelas todas as respostas que trouxeram elementos comuns foram agrupadas em uma mesma categoria.

Um termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com informações relacionadas aos objetivos da pesquisa e explicitação da utilização dos dados em publicações foi assinado pelos participantes antes de responderem o questionário.

Adotou-se como método a análise de conteúdo de Bardin<sup>15</sup>. Tal análise explora “um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoa constantemente e que se aplicam a discursos diversificados”<sup>16</sup>. Dispostos em tabelas e quadros, tal estudo procura descobrir o que se encontra por detrás destes conteúdos manifestos, desvendando o que possivelmente está oculto, de maneira a permitir a inferência de conhecimentos referentes às condições de produção descritiva destes discursos.

O presente foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Sociedade Evangélica Beneficente de Curitiba, sob o parecer de número 498.215/2013.

#### 4 RESULTADOS

Os resultados serão apresentados seguindo a ordem dos aspectos abordados no questionário. Abaixo a tabela 1 apresenta dados quanto à distribuição dos participantes que fazem ou não o uso da prancha de CA, considerando a realização de pós-graduação e cursos de extensão em relação à CSA.

Tabela 1. Formação dos participantes do G1 (P1 a P9) e G2 (P10 a P11).

Formação acadêmica		
Participante	Especialização concluída	Cursos em CSA
P1	X	X
P2	X	X
P3		X
P4	X	X
P5	X	X
P6	X	X
P7		
P8	X	X
P9	X	X
P10		X
P11		
<b>Total</b>	7	9
<b>%</b>	63,6	81,8

Abaixo, segue a tabela 2, referente ao local de atuação que compõem o G1 e G2.

Tabela 2. Local de atuação dos participantes do G1 e G2.

Participante	Clínica	Escola
P1		X
P2	X	
P3	X	
P4	X	
P5	X	
P6	X	
P7	X	
P8	X	
P9	X	X
P10	X	
P11	X	
<b>Total</b>	10	2
<b>%</b>	90,9	18,1

Abaixo, a tabela 3 apresenta as visões dos participantes quanto à função da prancha de CA. Ressalta-se que foram fornecidas pelos participantes múltiplas respostas. Destaca-se o fato de que, a partir das respostas fornecidas pela totalidade dos participantes, pode-se apreender quatro perspectivas de se conceber a finalidade da prancha de CA.

Tabela 3. Funções atribuídas à prancha de CA por parte de G1 e G2.

Participante	Função da prancha			
	Comunicar e expressar	Dialogar e interagir	Promover a aprendizagem	Desenvolvimento da linguagem
P1	X	X		
P2		X		
P3		X	X	X
P4	X			
P5		X		
P6	X			
P7	X			
P8	X	X	X	
P9	X			
P10	X			
P11	X			
<b>Total</b>	8	5	2	1
<b>%</b>	72,7	45,4	18,1	9

A partir da explicitação de trechos das respostas fornecidas, conforme quadro 1, podemos apreender como os participantes concebem a função da prancha de CA.

Quadro 3. Funções atribuídas à prancha de CA por parte de G1 e G2.

Participante	Trechos das respostas
P1	<i>“Para a interação e comunicação”.</i>
P2	<i>“É o material primordial para que o sujeito possa se colocar ativamente no meio social”.</i>
P3	<i>“Ampliar a interação, a linguagem e o desenvolvimento da aprendizagem”.</i>
P4	<i>“Permitir a pessoas que não dispõem da oralidade, comunicar suas necessidades e desejos”.</i>
P5	<i>“Ferramenta importante na estruturação do discurso e da interação”.</i>
P6	<i>“Permitir a comunicação para aqueles com comprometimento na fala”.</i>
P7	<i>“Facilitar a comunicação com o paciente, saber o que deseja, como está se sentindo”.</i>
P8	<i>“Promover a comunicação/interação e a aprendizagem entre todas as pessoas”.</i>
P9	<i>“Propiciar a expressão e melhorar a compreensão”.</i>
P10	<i>“É a possibilidade de comunicação que não exclusivamente verbal”.</i>
P11	<i>“Propiciar a comunicação”.</i>

A tabela 4 apresenta as posições dos participantes de ambos os grupos quanto à confecção da prancha de CA.

Tabela 4. Quem confecciona ou deveria confeccionar a prancha de CA.

Participante	Confeção da prancha					
	Fonoaudiólogo	Professor	T.O	Equipe Interdisciplinar	Família	Usuário
P1	X					
P2	X					X
P3	X				X	
P4	X					
P5	X					
P6	X	X				
P7	X					
P8	X				X	X
P9	X			X		
P10	X	X	X		X	
P11	X				X	X
<b>Total</b>	11	2	1	1	4	3
<b>%</b>	100	18,1	9	9	36,3	27,2

Abaixo, a tabela 5 revela os motivos que levam os participantes do grupo G2 a não utilizarem a prancha de CA.

Tabela 5. Motivos do não uso da prancha de CA por parte de G2.

Motivos do não-uso	
Participantes	Falta de conhecimento acerca da CSA
P10	X
P11	X
<b>Total</b>	2
<b>%</b>	100

Segue no Quadro 4, trechos das respostas fornecidas por P10 e P11 que evidenciam os motivos que os levam a não utilizarem a prancha de CA.

Quadro 4. Motivos do não uso da prancha de CA por parte de G2.

Participante	Trechos das respostas
P10	<i>“Necessito de maior conhecimento sobre o assunto”.</i>
P11	<i>“Ainda não tenho base suficiente para aplicação da mesma”.</i>

## 5 DISCUSSÃO

Com base nos resultados coletados, o primeiro aspecto a ser analisado será a formação acadêmica dos participantes no que se refere à temática CSA. Evidenciou-se, na tabela 1, que 7 fonoaudiólogos concluíram algum tipo de especialização, dentre estes, 1 realizou pós-graduação em Educação e Linguagem e 9 participantes efetuaram cursos de extensão em CSA.

Acredita-se que a falta/insuficiência de formação inicial e continuada acerca da linguagem e CSA e, o fato de os participantes atuarem ou já terem atuado com sujeitos com graves comprometimentos de oralidade, os levaram a participar do curso de extensão já referido.

Ressalta-se a necessidade de ações voltadas à formação inicial e continuada engajadas com o saber-fazer do terapeuta, envolvendo trocas e parcerias com diferentes disciplinas, atreladas às áreas da saúde e da educação<sup>13,18</sup>. De acordo com essa posição, destaca-se a necessidade de propostas educativas que contribuam com a formação teórica e de práticas fonoaudiológicas comprometidas com o aprofundamento de concepções da linguagem, envolvendo o modo de articulação de suas modalidades: oral, escrita e corporal, bem como, o uso efetivo das pranchas de CA<sup>7,13</sup>.

Parte-se do pressuposto de que cabe ao fonoaudiólogo contribuir de forma significativa para o avanço de abordagens teórico-práticas acerca da linguagem e do processo de ensino-aprendizagem

de pessoas com a fala comprometida, envolvendo sua inserção tanto nos contextos clínicos quanto educacionais<sup>11,17-18</sup>.

Quanto ao contexto em que os participantes desta pesquisa estão inseridos, a tabela 4 revela que 10 atuam em clínicas e 2 escolas. Confrontando esse aspecto com os resultados referentes à função da prancha de CA na tabela 3, chama atenção que as respostas dos participantes que atuam, especialmente, no ambiente educacional, ou seja, P1 e P9, não mencionarem o desenvolvimento da aprendizagem como uma das finalidades de uso da mesma.

Estudos denotam que a atuação fonoaudiológica no espaço educacional deve priorizar os processos de ensino aprendizagem escolar. Mais do que atuar enfocando abordagens clínicas ou voltadas aos supostos problemas de fala e/ou escrita, suas ações devem focar em conduzir para as “práticas de uso da linguagem e práticas de reflexão sobre a língua e a linguagem” no espaço educativo. Enfim, o objetivo da atuação da fonoaudiologia nesse contexto deve ser contribuir para que a escola cumpra com o seu papel social, cooperando para uma participação coletiva mais efetiva de todas as pessoas<sup>2,13</sup>.

O fato de P1 e P9 não relatarem a importância do uso da prancha no processo de apropriação da linguagem e esse, por sua vez, fundamental na construção da aprendizagem, nos leva a indagar acerca do entendimento que possuem sobre a atuação do fonoaudiólogo no contexto educacional, bem como o papel da linguagem e dos recursos da CSA nos referidos processos.

O uso da prancha de CA no contexto da educação pode favorecer a apropriação da linguagem e interação entre alunos e professores, interações essas que são determinantes para o modo como tais alunos participam da composição do conhecimento escolar. A não referência da prancha como facilitadora dos processos de aprendizagem por P1 e P9, evidencia a necessidade do aprofundamento teórico acerca da inserção da fonoaudiologia no ambiente educacional, bem como, do uso dos recursos referentes a partir de uma abordagem dialógica. Afinal, de uma abordagem que reconheça o papel da linguagem na constituição dos sujeitos, nas relações sociais, incluindo, as escolares e, portanto, a acessibilidade. Entende-se que as experiências no ambiente educacional devem criar espaços dialógicos e ampliar o conhecimento<sup>19-20</sup>.

Vale aqui ressaltar, ainda, que os resultados dessa pesquisa apontam para duas posições teóricas sobre a linguagem e os recursos da CSA. A primeira aponta para uma concepção da linguagem como instrumento de comunicação e os recursos da CSA como códigos; a segunda para uma concepção de linguagem como constitutiva dos sujeitos e das relações sociais e os referidos recursos como mediadores de tais processos e, portanto, do desenvolvimento global de tais sujeitos.

A visão acerca da linguagem e prancha de CA como instrumento/código cujo objetivo é a comunicação pode ser apreendida nos resultados da tabela 3, pois 8 dentre os 11 participantes afirmaram que a finalidade da prancha de CA é a comunicação e expressão.

De acordo com o quadro 1, tal visão/posição pode ser evidenciada nas colocações de P4: **“Permitir a pessoas que não dispõem da oralidade, comunicar suas necessidades e desejos”** e P9: **“Propiciar a expressão e melhorar a compreensão”**. Tais enunciados revelam que a prancha se destina a atender as situações comunicativas, assim como, visa satisfazer as necessidades e anseios do usuário.

Contraponto tal posição, 5 fonoaudiólogos afirmaram que a função da prancha é para dialogar e interagir, 2 para promover a aprendizagem e apenas 1 para o desenvolvimento da linguagem. Tais respostas apontam para uma concepção de linguagem e prancha como constitutiva e mediadora das relações sociais e do conhecimento, conforme quadro 1, afirmam P2: **“É o material primordial para que o sujeito possa se colocar ativamente no meio social”** e de P3: **“Ampliar a interação, a linguagem e o desenvolvimento da aprendizagem”**.

Tais enunciados apontam para o entendimento de que a prancha de CA é um recurso linguístico enriquecedor das trocas dialógicas, da apropriação da linguagem e da aprendizagem.

É importante analisar, ainda que conforme fica evidente no quadro 1, alguns participantes mostram, contraditoriamente, a linguagem como mediadora das relações sociais e código-instrumento de comunicação como equivalentes. Considerar a linguagem como comunicação representa o processo de apropriação centrado em atividades de codificação e decodificação, o que é diferente de considerar a linguagem como prática social constitutiva do sujeito, envolvendo processos dialógicos sociais e singulares<sup>21-23</sup>.

Partimos do pressuposto de que reconhecer a prancha como mediadora das relações sociais é essencial para o estabelecimento de interações em que os interlocutores sejam considerados como sujeitos da linguagem. A perspectiva de linguagem enquanto prática social e passível de interpretações subjetivas, permite questionar as afirmações dos profissionais que concebem a prancha apenas para suprir necessidades e manifestações comunicativas. Isto é, considerar o uso da CA como instrumento de expressão e comunicação, restringe as possibilidades de os sujeitos avançarem no desenvolvimento de sua linguagem e, portanto, da aprendizagem<sup>14,24</sup>.

Quanto ao outro aspecto abordado, ou seja, sobre quem confecciona ou deveria confeccionar a prancha de CA, conforme resultados apresentados na tabela 6, é possível constatar: 11 referiram o fonoaudiólogo, 4 a família e 3 o usuário.

A participação do fonoaudiólogo, anunciada pelos participantes vem ao encontro das colocações de<sup>16</sup> ao ressaltar que tal profissional tem um papel importante no processo de confecção e implementação da prancha de CA, visto que sua atuação pode envolver o usuário, pessoas de seu círculo familiar, bem como, profissionais da saúde e da educação que atuam com o mesmo.

Embora os participantes referiram a participação do fonoaudiólogo em tal confecção, chama atenção que apenas 36,3 % referiram a família e 27,2 % o próprio usuário da prancha de CA em tal processo. Tais respostas apontam que usuário e família, ao não participarem da referida confecção, são postos em uma posição passiva e, portanto, não envolvidos com a seleção dos símbolos pictográficos que irão compô-la.

Nesse seguimento, para o envolvimento de tal construção da prancha, 2 participantes incluíram o professor, 1 o terapeuta ocupacional e 1 a equipe interdisciplinar.

Evidenciando a importância de uma abordagem multidisciplinar na referida confecção, para os autores<sup>4,18</sup> tal materialidade construída requer o envolvimento de profissionais de diversas áreas e, fundamentalmente a participação do fonoaudiólogo, por ser este o profissional comprometido com a linguagem enquanto seu objeto de estudo e intervenção, possibilitando assim, a escolha mais adequada do tipo de recurso da CSA para cada usuário.

Diante dos resultados apresentados na tabela 5, relacionados aos motivos do não-uso da prancha de CA, pode-se apreender que 2 participantes referem que não a utilizam em razão da falta de conhecimento acerca da CSA. Nessa direção, como transcrito no quadro 2 seguem as afirmações de P10: *“Necessito de maior conhecimento sobre o assunto”* e de P11: *“Ainda não tenho base suficiente para aplicação da mesma”*.

Conforme discutido na introdução deste estudo, embora a CSA enquanto campo teórico e de atuação vem crescendo gradativamente, contudo, ainda não se constitui como uma prática de vasto conhecimento. Além do mais, predominam literaturas centradas em concepções de linguagem e recursos pertencentes à CSA enquanto código-instrumento de comunicação. Diante de tais fatos, evidencia-se a importância do desenvolvimento de propostas de pesquisas que tomem a linguagem como prática social constitutiva do sujeito, além da criação de cursos e ações continuadas referentes à CSA, visando capacitar os profissionais para a aplicação de tais recursos com pacientes com limitações de fala<sup>5,7</sup>.

Assim, a visão e o conhecimento que se possui acerca de linguagem e dos recursos da CSA, impactam significativamente, nos modos em como se conduzirá a intervenção terapêutica. Conceber a linguagem como constitutiva do homem e acolher todas as suas manifestações, permite compreender as condições subjetivas da vida e do sujeito<sup>7</sup>.

Partimos do pressuposto de que tal materialidade é um processo dinâmico e em constante construção. Como terapeuta-fonoaudiólogo é preciso interpretar e considerar a arbitrariedade e a iconicidade existente nos símbolos pictográficos, deixando assim, os discursivos vivos fluírem entre os interlocutores. Para isso é essencial ter escuta, “estar aberto ao imprevisível e ter disponibilidade”, para si e para o outro<sup>5</sup>.

Cabe destacar que para que ocorra a efetividade do uso de tal recurso é necessário ir “além do pontar/acionar um símbolo ou tecla”, sendo primordial uma reflexão mais profunda sobre linguagem, sujeito e a utilização da CA. Enfim, destacamos a necessidade da ampliação do conhecimento teórico e prático dos profissionais e, conseqüentemente, como condição para o avanço na participação social efetiva de pessoas com limitações de fala<sup>4</sup>.

## **6 CONCLUSÃO**

A partir da análise e discussão deste estudo, pode-se averiguar as visões, conhecimentos e usos das pranchas de CA de um grupo de fonoaudiólogos.

Quanto à formação acadêmica dos participantes, nota-se que embora os profissionais atuem em uma área que requer conhecimentos específicos, ainda existem lacunas para que se alcance o ideal no que concerne às pranchas de CA.

No que se refere à finalidade atribuída à prancha de CA, os resultados obtidos na análise confirmaram a necessidade de formação continuada a tais profissionais de modo que permitam o entendimento de que tais recursos devem ir além de comunicar desejos e necessidades. Há de se compreender os recursos extralinguísticos como mediadores da linguagem e, portanto, a função mediadora da prancha como capaz de favorecer as interações dialógicas, o desenvolvimento da linguagem e do conhecimento.

Quanto às diferentes concepções de linguagem, compete ao fonoaudiólogo uma perspectiva teórica que lhe permita ver a linguagem em seu funcionamento e em sua subjetividade, oferecendo elementos para o avanço das abordagens terapêuticas e, conseqüentemente, contribuam para que sujeitos com a fala comprometida ocupem o lugar de protagonista em suas vidas.

Em relação à confecção da prancha de CA, compreende-se que o trabalho fonoaudiológico deve visar a cooperação de todos que fazem parte da vida do usuário de forma ativa. Tal cooperação pressupõe o entrelaçamento das áreas da saúde e educação e, indispensavelmente, a participação do usuário e o envolvimento da família, viabilizando melhores relações de troca acerca dos aspectos relacionados ao uso de tal materialidade.

Considerando os motivos do não-uso das pranchas de CA, conforme já mencionado neste estudo, uma das ações apontadas para a superação de tal problemática é o desenvolvimento e a realização de cursos de formação inicial e continuada que priorizem a articulação entre a linguagem e a CSA.

Por fim, entende-se que há certamente um caminho a trilhar. As reflexões acerca deste tema poderão contribuir para que a prancha de CA seja concebida como recurso mediador das trocas dialógicas e do processo de aprendizagem, fundamentais para a constituição de sujeitos com maior autoria. Compreendemos que o fonoaudiólogo é o profissional capaz de possibilitar a ressignificação de histórias mediadas pela linguagem e pelos recursos da Comunicação Suplementar e/ou Alternativa.

**REFERÊNCIAS**

1. BAKHTIN M, VOLOCHINOV VN. Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec. [1929] 1981.
2. CARNEVALE LB, BERBERIAN AP, MORAES PD, KRÜGER S. Comunicação Alternativa no Contexto Educacional: Conhecimento de Professores. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 19, n.2, p. 243-256, Abr.-Jun., 2013.
3. PANHAN H. Fonoaudiologia e comunicação suplementar e/ou alternativa. In: Pastorello LM, Rocha ACO. Fonoaudiologia e linguagem oral: os práticos do diálogo. São Paulo: Revinter; 2006. p.154.
4. DE ALMEIDA PINTO, NEIDE MARIA, JOYCE KELI DO NASCIMENTO SILVA, AND ANA LOUISE DE CARVALHO FIÚZA. "A posse e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação a partir da perspectiva de gênero e de geração." Brazilian Journal of Development 6, no. 10, 2020.
5. KRÜGER SI. A comunicação suplementar e/ou alternativa: atividade semiótica promotora das interações entre professores e alunos com oralidade restrita. Tese (Doutorado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. 221f, 2016.
6. ZAPOROSZENKO A, ALENCAR GAR. Caderno pedagógico série: educação especial. Comunicação alternativa e paralisia cerebral: recursos didáticos e de expressão. Secretaria de estado da educação superintendência da educação universidade estadual de Maringá programa de desenvolvimento educacional, 2008.
7. DUARTE EN. Linguagem e comunicação suplementar e alternativa na clínica de fonoaudiologia [dissertação de mestrado]. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC/SP, Perdizes, 2005.
8. CASTELLANO GB. Adolescentes com Paralisia Cerebral: estudo de casos clínicos [dissertação de mestrado]. São Paulo: Programa Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC/SP, 2010.
9. CESA, CC, RAMOS AP, KESSLER TM. Intersubjetividade mãe-filho na experiência com comunicação ampliada e alternativa. Rev. CEFAC, 12(1):57-67, Jan-Fev; 2010.
10. PASSOS PMP. A construção da subjetividade através da interação dialógica pela comunicação suplementar e alternativa. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2007.
11. CESA CC, KESSLER TM. Comunicação alternativa: teoria e prática clínica. DistúrbComun, São Paulo, 26(3): 493-502, setembro, 2014.
12. CESA CC, RAMOS, NASCIMENTO VF. Por uma perspectiva dialógica na comunicação aumentativa e alternativa. DistúrbComun, São Paulo, 21(2): 259-269, agosto, 2009.
13. BERBERIAN AP, CALHETA PP. Fonoaudiologia e Educação: práticas voltadas à formação de professores. In: DREUX, FDM et al. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, p. 682-91, 2009.

14. KRÜGER SI.; BERBERIAN, A. P.; ORLOSQUI, C.S.; SCHEILLA, M. Delimitação da área denominada comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA). Revista CEFAC, vol. 19, Instituto Cefac São Paulo, Brasil, núm. 2, março-abril. pp. 265-276, 2017.
15. BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1998.
16. SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012.
17. CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. Contribuições do Fonoaudiólogo Educacional para seu município e sua escola. Brasília: CFFa, 2015.
18. KRÜGER SI, BERBERIAN, AP, LIMA JL, MIRANDA ENM. A comunicação suplementar e/ou alternativa: formação de professores. Tuiuti: Ciência e Cultura, Curitiba,n. 47, p. 181-198, 2013.
19. GROSKO DC. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. Comunicação alternativa no contexto escolar. Produções didático-pedagógicas. Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, vol 2, Guarapuava, 2016
20. KRÜGER SI. Comunicação Suplementar e/ou Alternativa (CSA): Fatores Favoráveis ao Uso no Contexto Familiar. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) Faculdade de Fonoaudiologia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.
21. BAKHTIN M. Marxismo e filosofia da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
22. BERBERIAN AP. Psicogênese da linguagem oral e escrita. Curitiba: IESDE. 2004.
23. KRÜGER S, BERBERIAN AP, GUARINELLO AC, CARNEVALE LB. Comunicação suplementar e/ou alternativa: fatores favoráveis e desfavoráveis ao uso no contexto familiar. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.17, n.2, p.209-224, Mai.-Ago., 2011.
24. BERBERIAN AP, KRÜGER S, GUARINELLO AC, MASSI GA. A produção do conhecimento em fonoaudiologia em comunicação suplementar e/ou alternativa: análise de periódicos. Rev. CEFAC, v.11, Supl2, 258-266, 2009.